

O movimento ecumênico entre a guerra e a paz¹.

Edison Minami².

Nesta comunicação queremos comentar algumas conclusões a que chegamos em nossa dissertação de mestrado intitulada *Os franciscanos da reconciliação e o ecumenismo na Arquidiocese de São Paulo (1977-1994)*³ onde procuramos mapear a aplicação dos carismas ecumênico e missionário na cidade.

Inicialmente citamos uma frase de Frei Paul Couturier, um dos pioneiros católicos do movimento ecumênico: “Orar pela ‘unidade que Deus quiser’ para o ‘tempo e pelos meios que ele mesmo desejar’”. Essa frase foi utilizada ao longo do século XX dentro do *movimento ecumênico*⁴ para provar que a unidade de todos os cristãos ocorreria do modo mais imprevisível possível.

De fato, o movimento ecumênico nasceu da convicção de que a *Reforma* no séc. XVI provocou uma cisão no mundo cristão. Essa constatação fortaleceu-se entre missionários protestantes e católicos na Ásia e África (sécs. XIX – XX)⁵, que chegaram a estes continentes no bojo do chamado neo-colonialismo. Entendimentos rumo à unificação de ações começaram a aparecer. O *Congresso de Edimburgo* em 1910 foi o primeiro resultado visível, passando a ser considerado o início do movimento ecumênico. A partir do congresso nasceram três entidades ecumênicas: *Faith and Order*, *Life and Work*, e o *Movimento Missionário Mundial*⁶.

Faith and Order e *Life and Work* atuaram paralelamente até 1948, quando na Primeira Assembléia do *Conselho Mundial de Igrejas* (em inglês *World Council of Churches – WCC*) as duas entidades se uniram, marcando a maturidade do movimento. Nessa ocasião estavam presentes cerca de 350 delegados representando 147 Igrejas de 44 países. Hoje já são mais de 300 Igrejas filiadas. O Conselho Missionário Mundial só ingressou em 1961 durante a Assembléia

de Nova Délhi – Índia⁷. O CMI introduziu a acepção do termo ‘oikoumene’ (ecumenismo) como a reunião de todos os cristãos:

“Depois da fundação do Conselho Ecumênico das Igrejas – no mundo anglo-saxão, há a preferência de referir-se a ele como Conselho Mundial de Igrejas -, em Amsterdã (1948), o termo ‘ecumênico’ exprime já, sem dúvida alguma, o propósito de reconciliação das Igrejas cristãs como expressão visível da ‘universalidade do cristianismo’ e como sinal ‘para que o mundo creia’⁸.

Mas para a Igreja Católica Romana, nesse momento, o problema se resolveria de um modo simples com a conversão ao catolicismo. Os papas em diversas ocasiões defenderam esse ponto de vista. Vejamos rapidamente como os papas do período encararam o problema.

Leão XIII na encíclica *Satis Cognitum* (1896) lembrava que a Igreja Católica era a plena detentora da mensagem transmitida por Cristo, e que era seu dever que os cristãos de outras confissões voltassem ao redil de Cristo:

“Sabeis bastante que uma parte considerável dos nossos pensamentos e preocupações é dirigida para este fito: esforçar-nos para reconduzir os transviados ao redil governado pelo Supremo Pastor das almas, Jesus Cristo”⁹.

Já Pio XI publicou a encíclica *Mortalium Animos* (1928), onde defendia que:

“Há apenas um modo pelo qual a unidade dos cristãos pode ser promovida: trabalhar pelo retorno à única igreja verdadeira de Cristo daqueles que dela se separaram, pois foi desta única igreja verdadeira que eles se separaram no passado”¹⁰.

Pio XII produziu dois documentos que faziam referência ao ecumenismo. A encíclica *Mystici Corporis Christi* (1943) sobre o corpo místico de Cristo reafirmou a doutrina da Unidade da Igreja:

“Como membros da Igreja contam-se realmente só aqueles que receberam o lavacro da regeneração e professam a verdadeira fé, nem se separaram voluntariamente do organismo do Corpo, ou não foram dele cortados pela legítima autoridade em razão de culpas gravíssimas”¹¹.

Já *Humani Generis* (1950) possuía trechos em que colocava sob suspeita o movimento ecumênico:

“(…) não julguem, levados por um falso irenismo, que se possa obter o suspirado retorno dos dissidentes e dos errantes ao seio da Igreja se não se lhes ensina, sinceramente, sem nenhuma diminuição, toda a verdade professada pela Igreja”¹².

Os diversos trechos anteriores mostraram qual foi a doutrina da Igreja Católica acerca do ecumenismo até meados do século XX. Mas a partir da celebração do *Concílio Vaticano II (1962-1965)* e a aprovação do *decreto Unitatis redintegratio* sobre o ecumenismo o conceito de missão, que estava subjacente a essas colocações, passou a ser questionado pela síntese entre culturas (*inculturação*):

“Nos vinte anos que levam ao Concílio Vaticano II, a Igreja preocupa-se cada vez mais em repensar o destino das missões, num contexto mundial em que não se pode mais dividir o mundo entre pagãos e cristãos — como ainda o fazia em 1919 a encíclica *Maximum illud* —, no qual é preciso aceitar a liberdade religiosa e, portanto, repensar os objetivos da conversão que até então haviam orientado o trabalho missionário”¹³.

Eis em brevíssimas linhas, o palco de atuação do movimento ecumênico até fins do século XX. Agora vamos analisar algumas idéias que se encontram presentes no momento.

O movimento ecumênico é parte do fenômeno de mundialização das culturas ocidentais, ou seja, o anseio de abarcar todo o universo utilizando um discurso de unidade na diversidade entre as denominações religiosas (diálogo religioso) e denominações cristãs (diálogo e movimento ecumênicos).

O detalhe importante para nós é que o Catolicismo encampou esses anseios de unidade, não sem tensões. A inculturação do Evangelho formulada durante a *IV Conferência Episcopal de Santo Domingo (1992)* defendeu a recuperação das culturas indígenas a partir do catolicismo, iniciando uma retomada do projeto ecumênico ocidental, aqui entendido como visão totalizadora do universo conhecido. Assim, o grande desafio seria conciliar projetos conflitantes: a identidade das denominações a que eles pertencem, com o anseio de unidade com os outros cristãos, dois dos grandes dilemas do ecumenismo.

Mas, como preservar a identidade sem barrar o diálogo? Aqui vale falar sobre as reticências à religiosidade popular, tachada de anti-ecumênica. Na verdade estavam em jogo as diversas visões de *oikoumene*: a de uma denominação específica, e a que busca um

denominador comum entre as diversas denominações religiosas, excluindo a leitura exclusivista. O *oikoumene* popular é o da denominação que almeja abarcar todo o mundo conhecido, abrindo para a possibilidade da conversão do outro. Na nossa vivência pessoal pudemos travar relações com neopentecostais que explicitamente cobravam a conversão dos judeus, dos católicos, e demais protestantes.

Em contrapartida o diálogo religioso, ao repudiar a religiosidade popular, opta por trabalhar apenas com líderes religiosos em pequenos grupos, excluindo inconscientemente a massa dos fiéis das diversas denominações. Para o diálogo religioso o proselitismo é condição para a prática da intolerância, significando um desrespeito à identidade confessional do outro. Aqui o cuidado dos integrantes do diálogo religioso encontrava respaldo tanto no decreto sobre ecumenismo quanto no diretório ecumênico católicos, que recomendavam esses cuidados. Sem dúvida a qualidade dos debates melhorava muito, mas permanecia o desafio de levar a mensagem aos fiéis.

Podemos dizer que a questão ecumênica estava apresentada, de forma velada e extra-oficial em *Medellín* (2ª Conferencia Episcopal Latino-americana), e mais claramente em *Puebla* (3ª Conferencia Episcopal Latino-Americana). Mas o ecumenismo ficou em segundo plano diante da maior ênfase dada a *opção preferencial pelos pobres*. O ecumenismo incentivou os setores progressistas para que promovessem o discurso ecumênico, mas é claro que a contrapartida era verdadeira: a partir do momento em que a direção das Igrejas Cristãs passou a se pautar por uma linha mais conservadora, relativizando a importância do diálogo como ponto de atuação, o movimento ecumênico se ressentiu, como de fato passou a ocorrer a partir de inícios dos anos oitenta do séc. XX. A eleição do papa João Paulo II (1978-2005) sob as bandeiras do anti-comunismo, da família, moral e tradição na Igreja Católica foram a origem de mais tensões.

A presença da Igreja Católica no movimento ecumênico criou um desequilíbrio para as denominações protestantes envolvidas, pois o próprio tamanho da Igreja Católica explica a

maior participação de católicos, o que pressiona as entidades ecumênicas. Isso é agravado pelo menor tamanho das Igrejas protestantes participantes nos órgãos ecumênicos. O próprio CMI evitou o problema adotando o sistema de representatividade por número de Igrejas em suas Assembléias. Ainda assim, a Igreja Católica Romana ainda não é membro oficial do Conselho Mundial de Igrejas, apenas de alguns órgãos como Fé e Constituição, por exemplo.

Esses detalhes são agravados por estarmos num momento em que as cúpulas das Igrejas que apoiavam o movimento ecumênico ameaçam romper relações com a Igreja Católica. O antropólogo Ralph Della Cava comentou sobre a radical mudança no movimento ecumênico:

“Vocês poderão perguntar como essas duas evoluções — a crise na Igreja Episcopal dos Estados Unidos e no Anglicismo mundial e a reapropriação de denominações históricas do Protestantismo americano por parte dos tradicionalistas — afetam as forças ecumênicas liberais na América Latina. Em primeiro lugar, muitas denominações — Católica, Ortodoxa e Reformada — agora se encontram em total consonância com a oposição fundamentalista *evangelical* às várias formas de inclusão. Naqueles países latino-americanos com classe-média urbana, substancial e relativamente próspera, tal posição — na sua atual forma — pode apenas servir para criar uma distância ainda maior entre essa classe e a prática ecumênica liberal. Mesmo entre Católicos vigilantes, as atuais posições da igreja em relação a sexualidade, reprodução e a ordenação de mulheres imploram por mudança.

Em segundo lugar, a influência decadente do Conselho Mundial de Igrejas já cobrou pedágio nas atividades das denominações históricas em diversas nações da América Latina. E o CMI também ameaça reduzir ainda mais os diversos projetos ecumênicos, úteis e colaborativos, atualmente em curso com os correspondentes católicos.

Finalmente, a tendência dos tradicionalistas dos Estados Unidos para a ‘reapropriação’ do Protestantismo Americano de fato apenas começou. Além disso, a sua aliança de fato com as forças conservadoras na arena política nacional e sua manipulação de um quadro novo e militante tem a intenção de consolidar um ‘novo consenso’ no qual a visão deles e não a do Evangelho Social se tornará hegemônica e irá lhes assegurar um importante papel na política das religiões mundiais num futuro próximo.

Nessa arena, pode-se esperar que apoiarão os confrades fundamentalistas por toda a América Latina, não importando quão ‘indígenas’ e genuinamente nacionais seus pastores e igrejas tenham se tornado. Na medida em que isso promove a ‘Protestantização’ da América Latina na forma da fé Pentecostal e neo-Pentecostal, já em ascensão, a ‘via principal’ religiosa, antes amplamente ocupada por Protestantes e Católicos Romanos progressistas, está destinada a se estreitar ainda mais.

Dada tal prospectiva, as estratégias pastorais e institucionais das forças ecumênicas na América Latina devem, certamente, ser reconsideradas”¹⁴.

Como pudemos ver, segundo Della Cava, o momento atual presencia o nascimento de um novo movimento ecumênico, de caráter claramente diferente do modelo tradicional que

vigorou a partir da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Della Cava teceu o comentário acima refletindo sobre a eleição do bispo Episcopal Anglicano Gene Robinson, para a diocese de New Hampshire, EUA, primeiro homossexual assumido a ser eleito para uma diocese anglicana.

Ora, de acordo com Della Cava, o episódio foi habilmente utilizado pelos conservadores de diversas denominações cristãs e religiosas para se unirem em torno da causa comum e fechar importantes acordos em prol da luta pelos valores tradicionais. Esse fato e a recente eleição do papa *Bento XVI* (19/04/2005) podem estar confirmando os prognósticos de Della Cava.

Bento XVI (antigo Cardeal Joseph Ratzinger), foi prefeito da *Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé*, o que o colocou como um dos assessores mais próximos de João Paulo II. Sua fama de conservador foi sendo consolidada com o passar do tempo, em particular em três episódios: a condenação do teólogo brasileiro Leonardo Boff (1986), que simbolizou um golpe a Igreja Popular; a subordinação do Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos à Sagrada Congregação (1986), que representou um maior controle sobre a teologia ecumênica; e mais recentemente a publicação do documento *Dominus Iesus* (2000), que reafirmou a primazia da Igreja Católica Romana como plena detentora da revelação do Cristo, o que irritou lideranças cristãs ao redor do mundo, em particular no Brasil. A pergunta que muitos ecumênicos fazem agora é saber qual será sua política acerca do ecumenismo.

Na imprensa muito se comentou sobre a escolha do nome Bento, referência ao papa Bento XV que procurou negociar o fim da *Primeira Guerra Mundial* (1914-1918). Nesse sentido Bento XVI quer seguir a linha da conciliação e da paz, não só entre os homens mas também entre religiões e denominações cristãs.

Mas uma outra leitura seria possível. O nome também é uma homenagem a São Bento de Núrcia, fundador da Ordem Beneditina e do monaquismo ocidental. Ora, os monges de São Bento foram fundamentais para a evangelização da Europa durante a Alta Idade Média (Sécs. V-X d.C), sendo São Bento conhecido como evangelizador da Europa. Assim, Bento XVI pode

indicar um reforço do espírito missionário em particular no continente europeu, combatido por um acelerado processo de secularização.

Se essa leitura for pertinente, ficaria o novo pontificado marcado também pelo reforço na identidade católica, o que pode ser interpretado como obstáculo ao diálogo.

No momento em que escrevo estas linhas, chegam notícias pelos jornais, revistas e Internet, de que comunidades judaicas e gregas ortodoxas vêem com esperança o novo pontificado, o que poderia estar confirmando as hipóteses do Prof. Della Cava de que os líderes conservadores vêem em Bento XVI um interlocutor mais adequado do que foi o papa João Paulo II pelo simples fato de ele ter representado um defensor intransigente de sua denominação religiosa em passado recente.

De qualquer forma, o futuro próximo aponta para um ecumenismo entre denominações, lideranças religiosas e grupos de estudos entre especialistas de Igrejas. O ecumenismo dito popular só será possível se nos libertarmos da dialética *povo versus cúpula*, herança metodológica da *teologia da libertação*, e do conservadorismo. A hora de um verdadeiro ecumenismo popular ainda não chegou.

¹ Comunicação a ser apresentada no XXIII Simpósio Nacional de História da ANPUH, a ocorrer entre os dias 17 a 22 de Julho de 2005 na UEL, Londrina-PR.

² Aluno do programa de pós-graduação em História Social, DH-FFLCH-USP, nível mestrado. Bolsista CAPES.

³ Vale falarmos rapidamente sobre os franciscanos da reconciliação. Fundados em 1898 pela iniciativa do então reverendo Episcopal Anglicano Paul James Francis (Pe. Paul Wattson) e da Irmã Lurana White pregavam a união das *Igrejas Católica, Episcopal Anglicana e Ortodoxa Grega*. Em 1909 a conversão ao catolicismo não interrompeu as atividades ecumênicas, que prosseguem mesmo após a morte de Paul Wattson em 1940. Iniciaram a Missão no Brasil nas Dioceses de Jataí e Rio Verde (GO) em 1963. Em São Paulo chegaram em inícios de 1977 a convite do arcebispo D. Paulo Evaristo Arns, que queria ampliar o ecumenismo na Arquidiocese. Em 1994, devido a causas diversas, encerraram a presença no Brasil.

⁴ “(...) entendemos por movimento ecumênico as atividades de caráter institucional e organizativo, de cunho interconfessional visando uma maior unidade visível da Igreja, para que o testemunho do Evangelho seja crido”. ‘Guia ecumênico, in: *Col. Estudos da CNBB, No. 21*. São Paulo, Paulinas. 1979. p. 178.

⁵ “(...) no plano concreto da obra missionária, em nível local (sic), surgia o escândalo das divisões. Como toda pedra de tropeço, impedia que o apreço pela mensagem de Jesus Cristo, pelo Evangelho, se transformasse em adesão às igrejas. Especialmente na Ásia e na África a multiplicação de esforços missionários levava à confusão: todos pregavam o mesmo Cristo, mas os missionários davam testemunho de rivalidade e até de intransigência e intolerância. Diziam que Cristo reconciliava, mas nos atos as igrejas estavam divididas. A experiência começou, portanto, a ensinar que a unidade era necessária, que o diálogo e o entendimento eram imprescindíveis”. SANTA ANA, Júlio H de. SANTA ANA, Julio de. *Ecumenismo e libertação – reflexões sobre a relação entre a unidade cristã e o Reino de Deus*. 2ª edição. Trad. Jaime A. Clasen. São Paulo, Vozes. 1991. pp. 222-223.

⁶ Faith and Order, ou Fé e Constituição, preocupa-se com os entendimentos ecumênicos de ordem doutrinal e eclesiástica; Life and Work, ou Vida e Trabalho, atua no chamado cristianismo prático, desenvolvendo a consciência

ecumênica em trabalhos sociais, dentro do espírito de cooperação ecumênico; o Movimento Missionário Mundial, por sua vez, trabalharia a cooperação entre as diversas Igrejas em terras de missão. Estes três movimentos tiveram origem nos entendimentos do Congresso de Edimburgo. (Para mais detalhes, Cf. SANTA ANA, principalmente as pp. 232-238).

⁷ Ocorreram as seguintes assembleias do CMI: Amsterdã, Holanda (1948); Evanston, EUA (1954); Nova Deli, Índia (1961); Uppsala, Suécia (1968); Nairobi, Quênia (1975); Vancouver, Canadá (1983); Canberra, Austrália (1991); e finalmente Harare, África do Sul (1998). Cf. ELDEREN, Marlin Van. "Introducing the World Council of Churches". In: *Risk Book Series*. Geneva, Switzerland. WCC Publications. 1990. A próxima Assembleia Geral foi marcada para 2006 e será realizada na cidade de Porto Alegre – Brasil.

⁸ NAVARRO, Juan Bosch. NAVARRO, Juan Bosch. *Para compreender o ecumenismo*. Trad. Maria Stela Gonçalves – Adail Ubirajara Sobral. São Paulo, Loyola. 1995. p. 12.

⁹ Leão XIII. *Satis Cognitum*, N°1. Petrópolis, Vozes, 1951.

¹⁰ Pio XI. 'Mortalium animos', in: OUTLER, Albert C. *Para que o mundo creia*. São Paulo. Imprensa Metodista. 1973. p. 122.

¹¹ Pio XII. *Mystici Corporis Christi*. Petrópolis, Vozes. 1950. II Edição. N°20.

¹² Pio XII. *Humani Generis*. N°42.

¹³ MONTEIRO, Paula. "A universalidade da Missão e a particularidade das culturas", in: MONTEIRO, Paula. (Org.). *Entre o mito e a história*. Petrópolis, Vozes. 1996. p.109-110.

¹⁴ CAVA, Ralph Della. "Protestantismo mundial: o 'novo' consenso emergente". In: *Revista Tempo e presença*. Rio de Janeiro. Ano 26, Maio/junho de 2004. trad. Rosa L. Peralta. pp. 27-36. p. 36.